



A presença do jornalismo investigativo no “Jornal do Tocantins”¹

Eder Luiz da SILVA²
Mary Stela MULLER³

Universidade Federal do Tocantins, Campus de Palmas , TO

Resumo. Busca verificar a presença do jornalismo investigativo no impresso Jornal do Tocantins. Analisa a literatura especializada e corrente envolvendo a origem, características, fases e perspectivas acerca da temática. Usa como método a análise dos conteúdos das matérias, intencionalmente selecionadas, para identificar, classificar e comprovar a presença do gênero investigativo no objeto estudado. Neste sentido, desenvolve desenhos e instrumentos metodológicos visando fomentar o processo de identificação e extração dos dados bem como a descrição crítico analítico do referido objeto. Conclui que o Jornal do Tocantins apresenta indícios de jornalismo investigativo.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo investigativo; jornal impresso; Jornal do Tocantins.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo jornalismo investigativo e a suspeita da falta de conteúdo deste gênero no impresso tocantinense motivou a realização deste trabalho. A idéia foi reforçada após a percepção mais detalhada do grande valor social de matérias investigativas edificadas por um raciocínio científico: pesquisa, averiguação, veracidade e cruzamento de dados. Proporcionar a população um jornalismo ético e de qualidade é um dos princípios que fortalece o raciocínio no cidadão na relação estado e sociedade, atividade ferramental a democracia. (FARIAS, [2005?] apud FORTES, 2005, on-line)

O procedimento de comprovação ou não de tal premissa, elegeu-se como objeto de estudo o “Jornal do Tocantins”, considerado o principal veículo impresso e diário do estado, motivado pelo interesse na abordagem regional/tocantinense, a produção crítica na visão de indivíduo inserido no grupo próximo ao objeto. O jornal abrange todo

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFT- CUP, email: eder.s.rede@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Comunicação Social – Jornalismo da UFT, email: stmuller@uol.com.br



território tocaninense, incluindo outros estados como Maranhão, Pará e Goiás. Acredita-se que o jornal em questão propicia uma análise mais detalhada do problema observado, do que os demais impressos existentes.

A ação processual dos conteúdos selecionados do objeto referido foi executada por instrumentos e desenhos em consonância a materialização do escopo deste estudo. Levando em apreço as teorias que abordam seu campo de atuação (jornalismo investigativo), tendo como referência particular os trabalhos de Fortes (2005) e Sequeira (2005), acrescidas ainda concepções de Kantumoya (2004), Hunter (2001), Segnini (2008), Kovach e Rosenstiel (2004), Reyes (1999), Quesada (1987) entre outros estudiosos.

A breve descrição sobre gêneros neste trabalho foi motivada pela divergência a respeito do ajuste ou da tipologia de alguns discursos jornalísticos em questão. Visa salientar e delinear os principais tópicos úteis para compreender teoricamente a respeito do “enquadramento” do jornalismo impresso, particularmente o investigativo. Portanto, a preferência por Seixas apresenta possibilidades mais complexas permitindo uma possível exatidão no entendimento de gêneros jornalísticos. A autora “analisar, a partir da pragmática da comunicação e da análise do discurso”, motivos constitutivos na formação de gêneros. (SEIXAS, 2008).

Conseqüentemente, esse raciocínio sustenta e atravessa todo o trabalho. Onde pode ampliar o exame da questão de redundância ou de dúvida – jornalismo investigativo um gênero? – levando-se em consideração a visão da autora que sustenta a indispensabilidade de pelo menos três situações para a formação de um gênero:

- 1) que a composição seja uma unidade jornalística independente;
- 2) as finalidades não mudam apenas por causa da mudança da mídia e, portanto, não mudam os compromissos assumidos; e
- 3) que a instituição tenha incorporado tal “formato” como prática jornalística.

Ressalta-se que no presente estudo, e a despeito de outros conceitos, o jornalismo investigativo é compreendido como um gênero jornalístico, conforme estudos de Seixas (2008).

A questão de redundância do jornalismo investigativo é vista por alguns autores como Márquez (apud, SEGNINI, 2008, p. 12), Christofolletti (2003 apud BARONI, [2005?]), Rodrigues (apud SEQUEIRA, 2005) e Noblat (2005 apud FORTES, 2005, p. 62, grifo do autor).



Por outro lado, Paul Williams (apud KANTUMOYA, 2004, p.1), um dos fundadores do Investigative Reporters and Editors⁴, define o trabalho de criação de reportagens investigativas como um processo intelectual que exige a coleta e a triagem de ideias, a análise de opções e, a tomada de decisões baseada na lógica e não na emoção.

Também Hunter (2001) e Doig (BALDESSAR; ARISI, 2006) compreendem o jornalismo investigativo como um gênero à parte. Segundo Soares (apud FORTES, 2005), da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), o conceito para este estilo de fazer jornal é amplo e o produto, ou seja, a reportagem é sempre mais intrincada e detalhada. Fon (2003 apud SEQUEIRA, 2005, p. 64) acrescenta que o trabalho de criação de uma reportagem investigativa é intenso, deve requerer paciência e, inclusive, uma mudança radical na própria rotina.

Historicamente a grande maioria dos autores, como Hunter (2001), Kovach e Rosenstiel (2004), Sequeira (2005), Segnini (2008), demarcam a década de 70 como o auge do jornalismo investigativo, em razão do famoso “caso Watergate”. O referido caso aconteceu em 1972 quando os repórteres Carl Bernstein e Bob Woodward conseguiram comprovar o esquema de tentativa de espionagem, por parte da Casa Branca e do então presidente Richard Nixon, na sede dos democratas, configurando uma nova fase no jornalismo americano. A partir daí “[...] a reportagem investigativa ficava de repente famosa, redefinindo a imagem da profissão de repórter [...]” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 170).

Antes da repercussão mundial do caso Watergate em Londres, ano de 1885, existem vestígios do jornalismo investigativo em matérias de William Thomas Stead, publicadas no veículo Pall Mail Gazette, intituladas A Tribute Maindem of Modern Babilônia, relatando sobre a prostituição infantil, o mercado escravo e outros temas sobre o “lado negro” da sociedade num formato muito próximo do que hoje é chamado de grande reportagem investigativa (MULPETRE, 2010, on-line).

Entre 1902 e 1904, Ida Tarbell escreveu uma reportagem deflagrando atividades ilícitas de John Rockefeller, em 1906 aparece Lincoln Steffens com a matéria Shame of Cities sobre a corrupção em cidades americanas, o que mais tarde transformou-se em um livro; em 1969, Daniel Lang, após contato com relatórios americanos sobre a guerra do Vietnã dá início a uma série de investigações postadas na revista The New Yorker (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 177).

⁴ Organização sem fins lucrativos fundada em 1975, que apóia e estimula o jornalismo investigativo.



Araújo (2005, on-line) destaca na década de 30, a existência de uma espécie de protótipo do jornalismo investigativo praticado pelos “Muckakers” americanos. A expressão “muckaker”, que traduzida para o português significa “caçadores de estrume”, teria sido criada pejorativamente por Franklin Delano Roosevelt, presidente americano em exercício, na década de 30, para denominar alguns repórteres incumbidos de revirar falcatruas de autoridades governamentais.

No Brasil, segundo Fricks (2005, p. 8), no início do século XX, existia um jornalista com perfil semelhante ao do atual repórter investigativo, conhecido como João do Rio, que escrevia matérias com indícios de elementos pertencentes ao gênero investigativo: “[...] ele fazia questão de ir além da notícia. Saía da redação e ia apurar os fatos pessoalmente, questionar as fontes, percorrer lugares. Queria estar lá na, hora certa, no lugar certo, sempre em busca da melhor matéria.”

Diversas outras matérias investigativas apareceram na década de 50 a 80 conforme destaca Araújo (2005, online):

- Na Argentina, em 1957, aparece Rodolfo Walsh, revelando o assassinato de inocentes civis em matéria intitulada Operacion Masacre;
- Na Alemanha, nos anos 80, Gunther Wallraff ;
- No Brasil, em 1975, o “Jornal Ex” denuncia a morte do jornalista Vladimir Herzog; em 1976, o Estado de São Paulo expõe as mordomias de servidores públicos na matéria intitulada “Assim vivem nossos superfuncionários”.

Na atualidade percebe-se que a construção de uma reportagem investigativa assemelha-se a uma produção de conteúdo de caráter científico: requer planejamento, organização, vontade de revelar algo, pesquisa, concentração e outras etapas como refere Fortes (2005). Tais fases na produção deste tipo de jornalismo podem ser resumidas nos estudos de Pablos (1999, online) que descreve o modelo intitulado de “fases 5P”: pista, pesquisa, publicação, pressão e prisão. O modelo é semelhante ao trabalho executado no Brasil (SOUZA, 2003 apud SEQUEIRA, 2005), em Cuba (MILANÊS apud SEQUEIRA, 2005, p. 153) e nos Estados Unidos, sendo que a única diferença deste modelo reside na adição de mais uma etapa: acompanhamento da repercussão do caso. (WILLIAMS, 1978 apud SEQUEIRA, 2005, p. 146-149).

Quanto à questão de origem da matéria investigativa Kovach e Rosenstiel (2004) estabeleceram três formas de classificar os conteúdos: reportagem investigativa original, reportagem investigativa interpretativa e reportagem investigativa sobre investigações.



Primeiramente a reportagem investigativa original (pela iniciativa do repórter). Neste modelo é o interesse do profissional jornalista e seu empenho que levam ao êxito desvendar problemas que alguns grupos tentam manter em segredo.

O segundo modelo é a reportagem investigativa interpretativa (pela interpretação de algum fato já existente). Pressupõe o mesmo esforço da investigação original com o, porém de não assegurar o objetivo de revelar informações inéditas.

O último modelo proposto é a reportagem sobre investigações (pelo vazamento de investigações alheias ou advindas de investigações oficiais). Neste caso o repórter é conduzido pela versão oficial, ao contrário do primeiro modelo, não obriga apuração, checagem ou questionamento.

O jornalismo investigativo apresenta vários aspectos que o diferencia das demais matérias, seja pelo contato com as fontes, seja pelos riscos envolvidos. Ao aprofundar a análise sobre o gênero referido é possível elencar alguns elementos estáveis e recorrentes do mesmo. Os subsídios aqui descritos servem para identificação, de modo particular na mídia impressa, de conteúdos com a proposta investigativa, visto que, a exclusão dos mesmos decompõe o gênero (jornalismo investigativo).

Uma característica pertinente do jornalismo investigativo é a de eternizar-se pelo conteúdo exposto a favor da sociedade, por sua denúncia. Pode modificar um fato social detectado e desencadear leis e debates.

O jornalismo investigativo desempenha um papel relevante de função social outro elemento em destaque. Aguiar (2006, p.75) afirma que o gênero por comportar este elemento vincula-se ao princípio da responsabilidade nas sociedades democráticas revitalizando o espaço público.

As matérias investigativas utilizam um número vasto de fontes documentais e orais, por isso normalmente o tempo de execução é extenso bem como o produto final. Apresenta-se em vários parágrafos para tornar o tema inteligível, de acordo com Lima (2004 apud PESSA, 2009, on-line) o aprofundamento é extensivo/horizontal e intensivo/vertical. Neste sentido muitas vezes o livro-reportagem surge como uma resposta à barreira do espaço limitado nos veículos impressos, bem como aos constantes cortes feitos em matérias investigativas.

O elevado grau de risco na execução da grande maioria das matérias investigativas pode intimidar a produção deste gênero, acrescentado ainda as barreiras financeiras dentro das redações bem como as competições mercadológicas das mesmas. Uma saída encontra-se na disseminação de associações de jornalistas investigativos que garante



espaço e a possibilidade de produção de matérias de qualidade e intensidade social. Grupos como o Investigative Reporters and Editors e o Centro Knight, ligados a outras entidades combatem o bloqueio à liberdade de imprensa pelo mundo. Os incentivo não são restritos ao gênero investigativo, mas, primeiramente a livre tramitação de informações importantes à sociedade em geral eventualmente encontra no gênero referido a possibilidade de aproximação deste propósito.

Metodologia

Este estudo tem como objeto o veículo impresso de propriedade da Organização Jaime Câmara, denominado “Jornal Tocantins”, cuja história entrelaça-se com a história do próprio estado do Tocantins. O Jornal Tocantins foi criado em 1979, voltado para o novo estado (Tocantins instituído em 1988). De início era fabricado em Goiás quinzenalmente e distribuído no norte do país, o que, sem dúvida, acarretava sempre demora no processo. A partir de 1991, passou a ter duas edições por semana. De 1998 até a presente data (2011) é editado diariamente, exceto nas segundas feiras. Em 2005 a nova sede da área industrial do Jornal do Tocantins foi construída passando a ser fabricado no estado.

Procedimentos Metodológicos

Para alcançar o objetivo deste trabalho (identificação ou não de jornalismo investigativo no Jornal do Tocantins), procurou-se estabelecer, a partir da literatura especializada, critérios para identificação, classificação e comprovação de matérias investigativas veiculadas no impresso.

Sucederam-se três etapas até o momento de análise do objeto: primeiramente a determinação do período em que seria analisado o objeto; a determinação da editoria e, dentro deste limite, a escolha de matérias para serem trabalhadas neste contexto; e, por fim, baseado em toda literatura até então exposta sobre o assunto, a criação de instrumentos que pudessem favorecer o processamento e a visibilidade dos dados obtidos, instituindo-se para sua finalização quatro estágios de processo.

Após ter escolhido o veículo a ser examinado, buscou-se determinar a delimitação do período de cobertura a ser investigado. Desta forma optou-se pela primeira dezena de abril de 2011, mais especificamente o período de 1 a 12 de abril, considerando que o



impresso não circula nas segundas-feiras. Com base neste critério foram selecionadas dez edições do Jornal do Tocantins.

Em razão dos objetivos propostos optou-se pela editoria “Estado” do Jornal do Tocantins seguindo o raciocínio de que: o referido espaço aproxima-se deste estudo ao dispor assuntos ligados ao Tocantins. Na editoria referida, elegeu-se dois casos: “Morte na JK” e o “Caso Judiciário”. O primeiro caso intitulado pelo veículo “Morte na JK”, aborda sobre uma vítima de bala perdida vinda de perseguição policial. Começou com a primeira publicação no dia 2 de abril terminando, dentro do limite de análise deste trabalho, no dia 8 de abril. Ao todo foram reunidas quinze exposições sobre o assunto, sendo que cinco destas foram chamadas de capa com um parágrafo de texto (ver Quadro 1).

O segundo caso denominado “Caso Judiciário”, totalizando seis matérias, com início em 6 de abril e término em 12 de abril, e aborda investigações do Ministério Público Federal em possíveis atos de corrupção por parte de procuradores do estado tocaninense (ver Quadro 2).

Com base nos autores que pesquisam sobre o jornalismo investigativo, buscou-se elaborar instrumentos (quadros, tabelas e gráficos) que pudessem facilitar não só o processamento como também uma maior visibilidade e compreensão dos dados obtidos (ver Quadro 3 e quadro 4).

As 21 matérias foram organizadas por três critérios (Ver Quadro 1 e Quadro 2). Primeiro: o uso letras para identificar os casos (A =Morte na JK; B = Judiciário); segundo, ordem numérica para as respectivas matérias (A1, A2... A15; B1, B2... B6); e o terceiro critério: reunião de matérias em semelhança de data de publicação. As chamadas de capas foram descritas pela letra C (C1, C2... C5).

A criação do instrumento denominado de “Quadro de Investigação de Elementos” (ver Quadro 3), tem como finalidade filtrar no grupo de amostra material relevante para o propósito da análise. Construído conforme referencial teórico, reúne 21 elementos pertencentes ao jornalismo investigativo.

Considerando que vários elementos expressos no Quadro 3 não são exclusivos do jornalismo investigativo, foi necessário estabelecer um critério de inclusão para a identificação e classificação de matérias de cunho investigativo, estipulando-se para tanto um valor maior que 50%. Ou seja, cada matéria deve conter mais de 12 itens do “quadro investigação de elementos” em sua composição.



CASO “MORTE NA JK”	
C1 - Capa jornal do dia 2 de abril de 2011. Título: “Tiros e morte na JK”.	A1 - Jornal dia 2 de abril, página 6, editoria estado, assinatura: Gisele França e Cléo Oliveira; título: “Após tiroteio, homem morre vítima de bala perdida na JK”. Olho: Violência.
C2 - Capa jornal do dia 3 de abril de 2011. Título: “família de morto quer punição para os responsáveis”.	A2 - Jornal dia 3 de abril, página 7, editoria estado, assinatura: Tatiane Souza; título: “Família exige providências e punição de responsável”. Olho: Violência. A3 - Jornal dia 3 de abril, página 7, editoria estado, assinatura: Poliane Macedo; título: “PMs teriam tentado impedir socorro”. A4 - Jornal dia 3 de abril, página 7, editoria estado, assinatura: Poliana Macedo; título: “Acusados do assalto são capturados”.
C3 - Capa jornal do dia 5 de abril de 2011. Título: “ PM começa apurar ação de policiais em tiroteio”.	A5 - Jornal dia 5 de abril, página 7, editoria estado, assinatura: Alessandra Brito; título: “PM abre inquérito militar para investigar morte na JK”. Olho: Bala Perdida. A6 - Jornal dia 5 de abril, página 7, editoria estado, assinatura: Gisele França; título: “OAB quer esclarecimentos sobre operação”. A7 - Jornal dia 5 de abril, página 7, editoria estado, assinatura: Wallissia Albuquerque; título: “Emoção e indignação marcam enterro”. A8 - Jornal dia 5 de abril, página 7, editoria estado, assinatura: Gisele França; título: “Homicídios ouvirá testemunhas esta semana”. A9 - Jornal dia 5 de abril, página 7, editoria estado, assinatura: Alessandra Brito e Gisele França; título: “Cápsulas são encontradas pela família”.
C4 - Capa jornal do dia 6 de abril de 2011. Título: “ Morte na JK: testemunhas começam a ser ouvidas hoje”.	A10 - Jornal dia 6 de abril, página 7, editoria estado, assinatura: da redação ; título: “Testemunhas começam a ser ouvidas hoje por delegado”. Olho: Morte na JK. A11 - Jornal dia 6 de abril, página 7, editoria estado, título: “Militares reclamam das condições”.
C5 - Capa jornal do dia 7 de abril de 2011, título: “testemunhas reafirmam que tiros foram disparados pelos policiais”.	A12 - Jornal dia 7 de abril de 2011, página 7, editoria estado, assinatura: Tatiane Souza; título: “Testemunhas confirmam que só militares atiraram”. Olho: Morte na JK. A13 - Jornal dia 7 de abril de 2011, página 7, editoria estado, assinatura: Tatiane Souza; título: “Noiva de vítima evita falar com a imprensa”.
C6 - Capa jornal do dia 8 de abril de 2011, título: “assaltantes negam disparos”.	A14 - Jornal dia 8 de abril de 2011, página 5, editoria estado, assinatura: da redação ; título: “Acusados de assalto negam troca de tiros”. Olho: Morte na JK. A15 - Jornal dia 8 de abril de 2011, página 5, editoria estado, assinatura: Gisele França; título: “Família de Moraes recebe apoio da OAB”.

Quadro 1 – Caso Morte na JK

Caso “Judiciário”	
B1 - Jornal dia 6 de abril de 2011, página 7, editoria estado, assinatura: Daniel Machado; título:” STJ analisa representação contra oito magistrados”. Olho: Judiciário.	
C7 - Capa jornal do dia 8 de abril de 2011, título: “Juíza envolvida em denúncias de corrupção no Judiciário”. Olho: operação Maet.	B2 - Jornal dia 8 de abril de 2011, página 6, editoria estado, assinatura: Daniel Machado; título:” STJ abre investigação contra magistrados”. Olho: judiciário. B3 - Jornal dia 10 de abril de 2011, página 7, editoria estado, assinatura: Daniel Machado; título: “Juíza de 1º grau é envolvida em denúncias”. Olho: Maet.
C8 - Capa jornal dia 12 de abril de 2011, título: “CNJ quer disciplinar pagamento de precatórios no TJ”.	B4 - Jornal dia 12 de abril de 2011, página 7, editoria estado, assinatura: Alessandra Brito; título: “TJ-TO terá cronograma de pagamento de precatórios”. Olho: Judiciário. B5 - Jornal dia 12 de abril de 2011, página 7, editoria estado, assinatura: Daniel Machado; título: “Juíza nega envolvimento em ilegalidades”. B6 - Jornal dia 12 de abril de 2011, página 7, editoria estado, assinaturas: Alessandra Brito e Daniel Machado; título: “CNJ segue investigações de denúncias”.



Quadro 2 – Caso Judiciário

Ressalta-se que cada elemento presente no Quadro 3 e Quadro 4 devem ser considerados em sua significação conforme a temática de jornalismo investigativo e, como suporte teórico, os autores que foram descritos neste trabalho. As palavras, ou conjunto de palavras, assumem no quadro a denominação de “elementos”, expressão que representa neste momento um conjunto de ações significativas na composição de uma matéria investigativa.

O quadro de identificação dos elementos contrários ao jornalismo investigativo visa exatidão no processamento de análise e inclusão, conforme a literatura exposta. O Quadro 4, intitulado “Quadro de Elementos Contrários”, reúne cinco elementos que não podem estar presentes numa matéria investigativa. O critério estipulado para este reside na negatividade de elementos que não fazem parte do investigativo, ou seja, zero demarcação.

O cruzamento do percentual oriundos dos quadros constitui critério de desqualificação de matérias para as etapas seguintes que estão na análise por software eletrônico e classificação de origem.

As matérias que ultrapassaram os dois filtros anteriores foram analisadas por meio o programa concordanciador Kitconc (KITCONC 3,0..., 2009). Kitconc é um software gratuito que permite ao usuário descobrir como palavras ou expressões são utilizados em um texto, apresentando também a frequência de utilização, número de itens e a dispersão dentro do mesmo.

Para a classificação de origem foram utilizadas as matérias advindas dos mesmos critérios que nortearam a utilização do programa Kitconc (50% de presença dos elementos inerentes do investigativo e 0% de elementos contrários). Buscou-se amparo nos autores Kovach e Rosenstiel (2004) para classificar as amostras no jornalismo investigativo, quanto à questão de sua origem.

Com base nestes procedimentos e visando favorecer uma melhor visualização do processo analítico das matérias em estudo, foi elaborado um “mapa” das ações necessárias e norteadoras para este empreendimento, como demonstra a Figura 1.

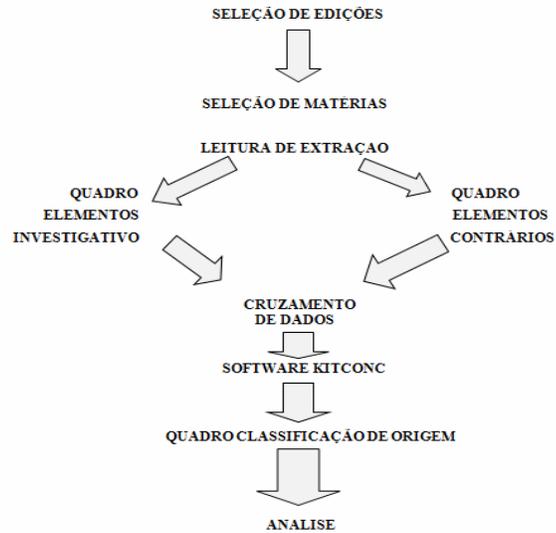


Figura 1 – Fluxo Metodológico.

O uso dos instrumentos

O primeiro contato com as matérias incidiu na identificação de trechos ou recortes de textos compatíveis as necessidades dos quadros.

O primeiro quadro a ser preenchido foi o Quadro de Investigação de Elementos (Quadro 3). A criação do mesmo permitiu uma visualização mais clara da presença de cada elemento nas matérias, a observação das edições e dos assuntos que mais apresentaram resultados positivos. A identificação da presença de elementos representada pela letra “X”, e as células em branco denotam ausência de elementos no quadro investigação.

Ao observar o quadro 3 nota-se uma frequência maior de elementos do investigativo nas matérias ligadas ao “Caso Judiciário”.

Em conformidade com o exposto e com os dados numéricos apresentados entende-se importante demarcar os limites estipulados para inclusão ou exclusão das matérias em estudo.

Assim, pelo desenho do Gráfico 1 pode-se perceber que a matéria B1, com 52,38%, e B3, com 57,15%, constituem os únicos textos que atenderam o critério estabelecido para este quadro de índices de presença de elementos investigativos superior a 50% . Lembrando que tal percentual foi adotado pela lógica de número de aparição de cada elemento, dividida pelo número total.



Elementos pertencentes ao jornalismo investigativo	Matérias									
	C1+A1	C2+A2+A3+A4	C3+A5+A6+A7+A8+A9	C4+A10+A11	C5+A12+A13	C6+A14+A15	B1	C7+B2	B3	C8+B4+B5+B6
1-Denúncia		X		X			X	X	X	
2-Tema de interesse público	X	X	X	X	X		X	X	X	X
3-Tempo elevado de elaboração						X				
4-Grau de Risco										
5-Linguagem irônica		X	X						X	
6-Iconografia	X	X	X		X	X	X		X	X
7-Informações sobre caminhos percorridos na matéria										
8-Fontes documentais										
9-Detalhes que conectam ao passado							X		X	
10-Contato diferenciado com as fontes										
11-Apresenta continuidade da reportagem		X	X	X	X	X	X	X	X	X
12-Função social		X						X		X
13-Ameaças na execução da matéria										
14-Repercussão posterior a publicação da matéria		X	X	X				X		X
15-Apresenta averiguação de dados publicados		X					X		X	
16-Uso de equipamento eletrônico oculto						X				
17-assinatura continua no caso							X	X	X	X
18-Texto extenso		X	X		X		X		X	X
19-Presença do interprete jornalista no objeto de desacordo							X		X	
20-Realce de personagem		X	X	X	X		X	X	X	X
21-Fato identidade					X	X	X	X	X	X

Quadro 3 – Quadro Investigação de Elementos

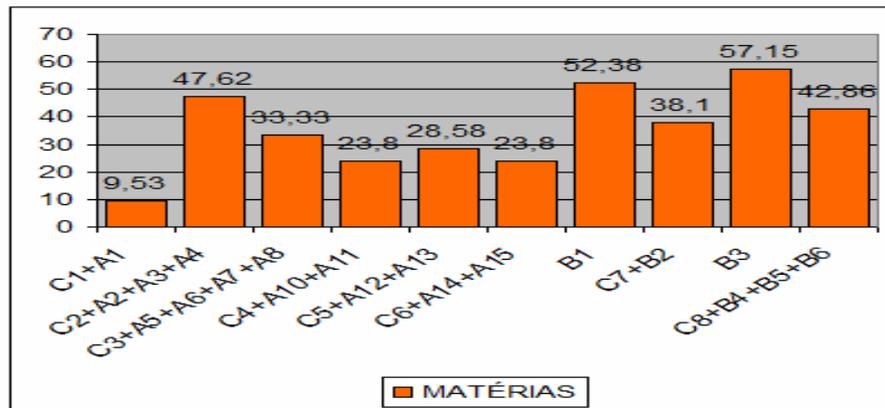


Gráfico 1 – Percentual dos elementos inerentes aos jornalismo investigativo

Diferente do primeiro quadro (Ver Quadro 3) a resposta percentual considerada significativa no Quadro Elementos Contrários (Quadro 4) é aquela que apresenta zero número de elementos, ou seja, 0% .

Elementos contrário ao jornalismo investigativo	Matérias									
	C1+ A1	C2+ A2+ A3+ A4	C3+A5+ A6+A7+ A8+A9	C4+ A10+ A11	C5+ A12 + A13	C6+ A14 + A15	B1	C7 + B2	B3	C8+ B4+ B5+ B6
1-Show emotivo	X	X	X		X	X				
2-Intensificação de estado	X	X	X							
3-Denúncia sem prova		X								
4- Indício de Ideologia político/partidária		X		X	X		X			
5- Matéria compelida por “deadline”	X	X	X			X				

Quadro 4 – Elemento Contrário

Da observação e extração de valores do Quadro 4, ocorreu a criação do Gráfico 2, conforme este referido, pode-se demarcar que as matérias que passaram por este filtro foram as matérias a partir de B2 –B6.

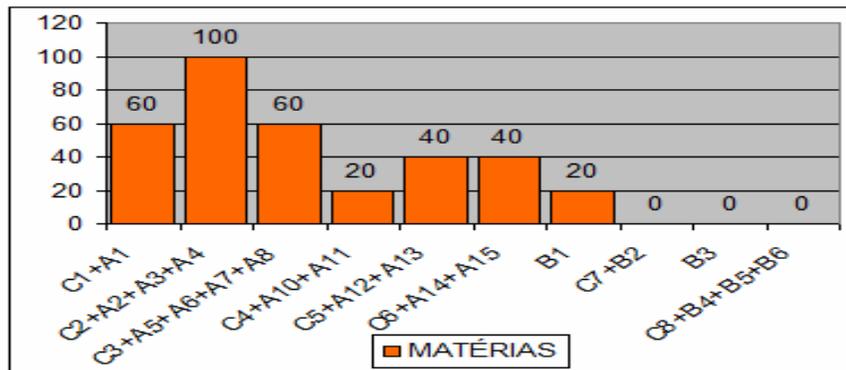


Gráfico 2- Percentual de elementos contrários

Considerando o primeiro filtro de elementos inerentes ao jornalismo investigativo (Gráfico 1) temos as seguintes amostras resultantes: matérias B1 e B3. Do filtro de elementos contrários temos como resultado as matérias B2, B3, B4, B5 e B6 (Gráfico 2). O dois resultados são relacionados ao caso intitulado neste estudo como “Caso Judiciário”.

O cruzamento destas informações gerou o Gráfico 3 que possibilita uma visão do ponto exata do processo de inclusão ou exclusão de matérias, em conformidade com os critérios estabelecidos para este estudo. Ou seja:

- 50 % de presença de elementos inerentes ao jornalismo investigativo;
- 0% de presença de elementos contrários ao jornalismo investigativo.

A matéria B3 foi a única que atendeu simultaneamente aos requisitos do Quadro Investigação de Elementos (Ver Quadro 3) e ao Quadro Elementos Contrários (Ver

Quadro 4), conforme demonstra o Gráfico 3, passando portanto para as próximas etapas: análise do software eletrônico e classificação de origem.

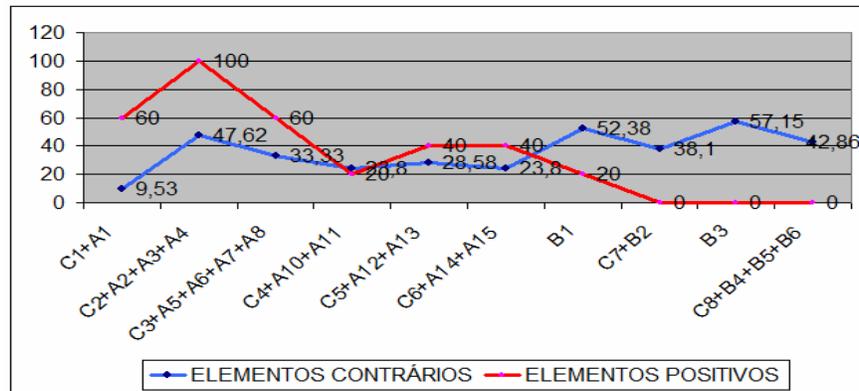


Gráfico 3 – Cruzamento de dados

A leitura da matéria B3, “Caso Judiciário”, pelo software Kitconc, ressalta a ordem de frequência e chavidade das palavras no texto, confirmando os resultados demarcados como elementos inerentes do jornalismo investigativo no Quadro Investigação de Elementos (Realce de Personagem, Fato Identidade, Tema de Interesse Público e outros) conforme a Figura 2. Confirmando, ainda, o preenchimento do Quadro elementos contrários (Show Emotivo, Intensificação de Estado), ao destacar os principais advérbios e verbos utilizados. O programa oferece momentos de concordância com até 6 relações dos principais personagens demarcando novamente positividade de seu uso neste estudo.

N	Palavra	Frequência	%	Chavidade	Marca
1	BARCELOS	10	01,66	169,79	
2	BAILÃO	4	00,66	81,64	
3	ALINE	5	00,83	67,48	
4	CNJ	3	00,50	66,41	
5	JUNQUEIRA	5	00,83	58,26	
6	JUIZA	5	00,83	49,85	
7	DESEMBARGADORES	4	00,66	48,04	
8	TOCANTINS	4	00,66	44,94	
9	PRECATÓRIO	3	00,50	39,23	

Figura 2 – Análise Kitconc

O produto fornecido pelo programa serve neste trabalho tanto para conjunção de informações ao quadro de investigação de elementos como para intensificar a observação da presença de elementos contrários ao jornalismo investigativo.

Análise dos dados

Conforme o fluxo metodológico concebido para este trabalho foi possível perceber uma maior incidência de elementos inerentes ao jornalismo investigativo nas



matérias relacionadas ao “Caso Judiciário”. Igualmente o caso demonstrou um número reduzido de elementos contrários ao gênero referido. Quanto ao “Caso Morte na JK” os resultados alcançados não foram suficientes para atestar qualquer relação com o jornalismo investigativo.

Das 21 matérias inicialmente selecionadas para análise apenas uma “passou pelo filtro” dos critérios estabelecidos, sendo esta a codificada B3 - “Juíza de 1º grau é envolvida em denúncias”.

A matéria B3 apresenta uma construção textual com vestígio de linguagem investigativa, com interseções de ironia e declarações engenhosas. O caso foi redigido, dentro das edições analisadas, pelo mesmo jornalista, fato que revelou um possível cuidado com a disponibilização dos dados ao longo do texto (FORTES, 2005). Também a análise por meio eletrônico corroborou com as descrições e análises anteriormente com extratos da matéria.

O conteúdo de natureza investigativa exposto na matéria B3 sugere que a mesma é oriunda de investigações externas e que a Polícia Federal constitui a fonte principal do jornalista assinante da matéria, conforme se deduz da análise de concordância e chavidade processada pelo programa Kitconc, como também classificação de origem estabelecida por Kovach e Rosenstiel (2004), que determina ser este tipo de matéria investigativa de investigações.

Considerações Finais

Diante destes resultados é passível afirmar que o Jornal do Tocantins apresenta, ainda que de forma incipiente, vestígios de jornalismo investigativo. Portanto, no que tange a hipótese deste estudo os resultados, como já demonstrado, não apresentam subsídios o bastante suficiente para atestar sua comprovação nem tão pouco para refutá-la, pelo fato do veículo impresso apresentar indícios do gênero referido.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. **O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade:** notas Introdutórias, 2006. Disponível em: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n13_Aguiar.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2009.

ARAÚJO, Luís Carlos Eblak de. **Jornalismo Investigativo:** dos muckrakers aos anos pós-Watergate, 2005. disponível em: <http://www.unaerp.br/comunicacao/.../eblak/.../jornalismo_investigativo_hj.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2010.



A ORGANIZAÇÃO Jaime Câmara. In. RELATÓRIO SOCIAL 2009. Disponível em: <http://www.ojc.com.br/nossa_empresa/resultados/relatoriosocial2009/pdf/>. Acesso em: 13 jan. 2011.

BALDESSAR, Maria José; ARISI, Bárbara. **O jornalismo investigativo e a rede**, Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. III, No 2, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/.../427.pdf>>. Acessado em: 17 jan. 2011.

BARONI, Maria Alice Lima. **Considerações sobre a redundância na expressão jornalismo investigativo**, 2005?. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610538_08_pretextual.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2011.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo, Contexto: 2005. Google Books. Disponível parcialmente em: <<http://books.google.com.br/books?id=4tSd6znjLPOC&printsec=frontcover#v=onepage&q=&f=false>>. Acesso em: 02 ago. 2009.

FRICKS, Renata. O primeiro repórter investigativo do Brasil. **Jornal Laboratório**. [S.l. : s.n.], 2005. p. 8

HUNTER, Mark Lee. **Story-Based Inquiry: A manual for investigative journalists**, 2001. disponível em: <<http://www.markleehunter.free.fr/>>. Acesso em: 04 nov. 2010.

KANTUMOYA, Leonard M. . **Investigative Reporting in Zambia: A Practitioner's Handbook**, 2004. disponível em: <<http://www.library.fes.de/pdf-files/bueros/sambia/50013.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

KITCONC.2011. **Kitconc 3.0**. Disponível em: <<http://www.xcorpus.net/soft/>>. Acesso em: 23 jan 2011.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Ton. 2004. **Os Elementos do Jornalismo**. Editora: Geração Editorial. 302 p.

MULPETRE, Owen. O grande Educador: uma biografia de WT Stead. In. W.T. STEAD RESOURCE SITE WTSRS. **Welcome to the W.T. Stead Resource Site**, 2010. disponível em: <<http://www.attackingthediabol.co.uk/>>. Acesso em: 11 out. 2010.

PABLOS, José Manuel. **Periodismo de investigación: las cinco fases** P. Sala de Prensa, 1999. disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art21.htm>>. Acesso em: 02 de nov. 2009.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações**. 2009. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOMCOM%2034%20-%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20C3%A9%20para%20qu%20C3%AA%20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf>. Acesso em: 20 abri. 2011.

SEIXAS, Lia. **Por uma outra classificação: gêneros discursivos jornalísticos e gêneros discursivos jornalísticos**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p. 70-84, dez. 2009. disponível em: <<http://www.revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/2640/1681>>. Acesso em: 28 jan. 2011.

SEGNINI, Giannina. **Introducción al Periodismo Investigativo y al Periodismo Asistido por Computadora**, 2008. Disponível em: <www.consejoderedaccion.org/sitio/CdR_documents/.../segnini_pac.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2010.